

# SELETIVIDADE, POR SEXO, NA ATIVIDADE INDUSTRIAL BRASILEIRA NOS ANOS 2000

*SELECTIVITY, BY SEX IN BRAZILIAN INDUSTRIAL ACTIVITY IN THE YEAR 2000*

Luís Abel da Silva Filho\*  
Silvana Nunes de Queiroz\*\*

## RESUMO

As transformações sociais vislumbradas em todo o mundo implicaram em importantes mudanças no papel da mulher. A luta por direitos alavancada pelos movimentos feministas tem repercussão em sua entronização na vida política e no mercado de trabalho. A partir desse contexto, este trabalho tem como objetivo analisar e comparar a participação feminina e a masculina no mercado de trabalho da indústria brasileira, segundo características socioeconômicas e demográficas. O recorte temporal compreende os anos de 2001 e 2010. Inicialmente, faz-se uma revisão da literatura e em seguida se recorre ao banco de dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, do Ministério do Trabalho e do Emprego – MTE. Os resultados mostram crescimento expressivo da participação feminina no mercado formal de trabalho brasileiro, já que a sua participação relativa foi superior à masculina em todos os setores de atividade econômica analisados. Porém, apesar de mais escolarizadas, a rotatividade no emprego industrial é mais elevada para as mulheres, e elas se concentram nas faixas de remuneração mais baixa.

**Palavras-chave:** Mercado de trabalho. Mulher. Indústria. Brasil.

## ABSTRACT

Social changes envisioned around the world resulted in important changes in the role of women in society. The struggle for rights leveraged by the feminist movement has repercussions on his entronement in political life and in the labor market. From this context, this paper aims to analyze and compare the female and male participation in the labor market in the Brazilian industry, according to socioeconomic and demographic characteristics. The time frame covers the years 2001 and 2010. Initially we make a review of the literature and then uses the database of the Annual Social Information – RAIS, the Ministry of Labor and Employment – MTE. The results show significant growth in female participation in the formal market of Brazilian labor, since their relative share was higher than men in all economic sectors analyzed. But despite more educated, turnover in manufacturing employment is higher for women, and they are concentrated in the lower pay bands.

**Keywords:** Labor market. Woman. Industry. Brazil.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As transformações ocorridas em âmbitos mundiais, econômico, social e cultural têm permitido maior inserção feminina nas decisões em sociedade. A luta por direitos, alavancada pelos movimentos feministas, tem repercussão na entronização da mulher na política social. A maior participação na vida política e no mercado de trabalho resulta de um processo irreversível, que envolve a sociedade em todos os seus aspectos e em todo o mundo.

---

\* Doutorando em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – IE-UNICAMP; professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA).

\*\* Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-IFCH/NEPO); professora adjunta do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA); coordenadora do Observatório das Migrações no Estado do Ceará.

No mercado de trabalho brasileiro, ainda que lento, é evidente o crescimento da participação feminina na População Economicamente Ativa (ela passou de 44,4%, em 2003, para 46,1%, em 2011) e na População Ocupada (aumento de 43% para 45,4%, no referido intervalo), segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (IBGE, 2012). Questões relacionadas à necessidade de complementação de renda familiar ou, em muitos casos, à chefia de domicílios, além do desejo de independência financeira, orientam o ingresso feminino no mercado de trabalho (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2000; WAJNMAN e PERPÉTUO, 1997; LEONE, 2003; BRUSCHINI, 2007; LEONE e BALTAR, 2010).

Entretanto, em termos ocupacionais, elas são maioria no número de desemprego aberto e ocupam postos de trabalho de menor projeção social, sobretudo em atividades do setor terciário, embora atestem, ainda, bastante representatividade no trabalho informal ou por conta própria (SILVA FILHO, 2011; SILVA FILHO e CLEMENTINO, 2011). Além disso, mesmo quando mais escolarizadas ou responsáveis por cargos semelhantes aos dos homens, auferem rendimentos menores que os deles (BRUSCHINI e PUPIN, 2004).

Este artigo objetiva analisar e comparar, no período recente, a participação feminina e a masculina na indústria nacional, segundo características socioeconômicas e demográficas. O recorte temporal compreende os anos de 2001 e 2010, o primeiro e o último ano da primeira década do século XXI. Os dados provêm da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), que disponibiliza informações do mercado de trabalho formal de todo o país.

O artigo se justifica por contribuir com um assunto atual e relevante no tocante à inserção feminina na indústria, setor da atividade econômica com maior capacidade de projeção social, embora se caracterize pela elevada seletividade quanto ao sexo.

Em função do objetivo proposto, o artigo está estruturado em cinco seções, constituindo a primeira essas considerações iniciais. A segunda retoma a discussão acerca da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro; a terceira analisa a participação feminina no mercado formal de trabalho brasileiro, segundo a região geográfica e os setores de atividades econômicas; na quarta, analisa-se e compara-se a distribuição da mão de obra feminina, vis-à-vis com a masculina, empregada na indústria formal brasileira, por idade, escolaridade, tempo no emprego, tamanho do estabelecimento e rendimento. Na última, tecem-se as considerações finais.

## **2. INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO: BREVES CONSIDERAÇÕES**

Transformações no âmbito da demografia tiveram influência importante no ingresso da mulher no mercado de trabalho. Maior expectativa de vida ao nascer, em comparação aos homens, redução significativa no número de filhos tidos, com implicações diminutivas no tamanho da família brasileira, em certa medida, contribuíram para o maior empoderamento e para a autonomia da mulher (BILAC, 1994; BERQUÓ e CAVENAGHI, 2004; BRUSCHINI, 2007).

Contudo, o aumento do ingresso feminino no mercado de trabalho nacional se processou de forma excludente. Se, por um lado, há registros crescentes de sua participação no setor, por outro, é possível constatar que elas ocupam postos de trabalhos precários, de menor projeção social, sob condições de informalidade, por conta própria e com remuneração média inferior à masculina (GONÇALVES *et al.*, 2004; SILVA FILHO, 2011; SILVA FILHO e CLEMENTINO, 2011; SILVA FILHO *et al.*, 2012). De fato, a inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro é

caracterizada pela discriminação sexual, pela seletividade das vagas, com ocupações em setores específicos da atividade econômica.

Além disso, não obstante as mudanças nos padrões sociais, a execução de trabalhos domésticos, na maioria das vezes, é tarefa desenvolvida apenas pelas mulheres nos domicílios, sendo pouca a participação masculina, sobretudo em atividades rotineiras (Bruschini, 2006; 2007), que sobrecarrega as mulheres com a dupla jornada, entretanto, paulatinamente, as mesmas conquistam espaço no mercado de trabalho.

### 3. CARACTERIZAÇÃO REGIONAL DO MERCADO DE TRABALHO E LOCAÇÃO DA MÃO DE OBRA POR SETOR DE ATIVIDADE ECONÔMICA

No que concerne à atuação profissional da força de trabalho no Brasil, conforme a tabela 1 é possível perceber que os homens são maioria em todos os setores de atividade econômica definidos pelo IBGE, no ano de 2001. Na indústria, 73,0% são homens contra 27,0% de mulheres. Já na construção civil foi registrada a maior disparidade naquele ano, com 92,6% do sexo masculino contra 7,4% do sexo feminino. No comércio a maioria também são homens (62,2%) em comparação com as mulheres (37,8%). O setor de serviços registrou a menor disparidade dos ocupados: 51,1% do sexo masculino contra 48,9% do feminino; na agropecuária se elevou: 87,5% de homens e 12,5% de mulheres.

**Tabela 1: número de ocupados formais por setor de atividade econômica e sexo - Brasil - 2001/2010**

Setor - IBGE	2001				2010				Var%-Mas-2001-2010	Var%-Fem-2001-2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Indústria	3.934.961	73,0	1.455.971	27,0	5.986.296	70,4	2.512.906	29,6	52,1	72,6
Cons. Civil	1.048.553	92,6	84.402	7,4	2.319.169	92,4	189.753	7,6	121,2	124,8
Comércio	2.792.712	62,2	1.694.292	37,8	4.848.084	57,8	3.534.155	42,2	73,6	108,6
Serviços	7.711.968	51,1	7.381.031	48,9	11.408.540	49,0	11.859.855	51,0	47,9	60,7
Agropecuária	949.588	87,5	136.136	12,5	1.190.669	84,5	218.928	15,5	25,4	60,8

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS.

Alguns estudos confirmam que em certos setores de atividade econômica em que se faz necessária a força física para atuação, como a construção civil e a agropecuária, há elevada incidência de mão de obra masculina. Nesse contexto, Novaes (2009) destaca que alguns sindicatos de trabalhadores atuantes na produção canavieira no estado de São Paulo defendem uma quantidade mínima de mulheres (10,0%) nas atividades de plantio e colheita. Todavia, o nível mínimo de contratação não está regimentado em outros setores, ficando 'ao sabor da oferta e da demanda' do mercado.

Quanto ao ano de 2010, na indústria, as mulheres ocuparam menos de 30,0% dos postos formais de trabalho; na construção civil, elas eram menos de 8,0%. No comércio, a participação feminina (42,2%) elevou-se comparativamente à masculina (57,8%). Mas foi no setor de serviços que elas passaram a ser maioria: 51,0% dos postos de trabalho são ocupados por mulheres. A agropecuária continua a registrar a maioria absoluta de homens (84,5%), sendo somente 15,5% das vagas por mulheres.

Com o cenário acima apresentado, fica evidente a concentração masculina em postos formais de trabalho vis-à-vis a feminina, que somente é maioria no setor de serviços e, mesmo assim, em 2010. Em tal contexto, apesar dos avanços na inserção da mulher na atividade econômica, parece distante a igualdade de gênero no mercado de

trabalho formal brasileiro, carecendo de maior participação feminina com garantia mínima de direitos trabalhistas concedidos pela CLT.

No que se refere à concentração regional por sexo, os dados da tabela 2 mostram a forte concentração de vagas ocupadas pela mão de obra masculina na indústria, em todas as regiões do país. Esses diferenciais de ocupados por sexo persistem em todos os anos aqui observados. Somente no Nordeste se viu ser leve a redução das mulheres no conjunto dos ocupados no setor industrial.

O que se tem de fato é que com exceção do Sul do Brasil, nas demais regiões, em 2001 e 2010, menos de 30% dos postos de trabalho industriais eram ocupados por mulheres. Essa baixa participação feminina no setor industrial brasileiro ainda é um gargalo na promoção de igualdade, por sexo, da participação no mercado de trabalho. Sabe-se que esse setor é responsável pelos melhores postos de trabalho formais do país e concentra as melhores oportunidades de projeção social.

**Tabela 2: número de ocupados, por sexo, na indústria segundo as macrorregiões - Brasil - 2001/2010**

Região	Indústria - 2001				Indústria - 2010				Var%- Mas- 2001- 2010	Var%- Fem- 2001- 2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Norte	130.095	78,0	36.729	22,0	239.560	76,1	75.185	23,9	84,1	104,7
Nordeste	504.243	74,2	175.043	25,8	868.908	74,5	297.371	25,5	72,3	69,9
Sudeste	2.172.744	74,0	762.776	26,0	3.200.583	71,6	1.266.573	28,4	47,3	66,0
Sul	946.157	69,1	422.259	30,9	1.353.347	64,4	747.166	35,6	43,0	76,9
C. Oeste	181.722	75,4	59.164	24,6	323.898	71,9	126.611	28,1	78,2	114,0

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/MTE

É imprescindível destacar que a participação relativa das mulheres ocupadas na indústria, segundo a região geográfica, ainda é relativamente baixa quando comparada à masculina. Mesmo que em todas as regiões, com exceção do Nordeste, a mão de obra feminina tenha se elevado, relativamente à masculina, as mulheres ainda eram menos de 30% nas ocupações industriais brasileiras, com exceção do Sul, no ano de 2010.

Nesse aspecto, o que se tem é a forte disparidade entre o sexo dos ocupados na indústria, sendo fenômeno evidenciado como persistente em todas as regiões do país. A leve redução das disparidades registradas ainda não é suficiente para se supor a continuidade da diminuição da desigualdade de sexo entre homens e mulheres na indústria. As evidências empíricas plotadas na tabela 2 apresentam os fortes indícios de superioridade masculina na ocupação industrial brasileira, tanto no início quanto no final da década em tela.

No que se refere à distribuição de trabalhadores na indústria brasileira, segundo o porte do estabelecimento, os dados da Tabela 3 asseguram que, em 2001, as maiores participações masculinas se verificaram em estabelecimentos de médio porte (28,5%), e as das mulheres em estabelecimentos de pequeno porte (27,9%). Por outro lado, as menores participações para os homens se deram na indústria de microporte (18,5%), já para as mulheres, na de grande porte (22,1%).

Em 2010, houve mudanças em relação a 2001 quanto à distribuição de trabalhadores por porte do estabelecimento. Tanto a participação masculina (34,7%) quanto a feminina (28,7%) sobressaíram na indústria de grande porte. Por sua vez, diminuiu a proporção para ambos os sexos em estabelecimentos de pequeno porte, que tiveram a menor participação de trabalhadores. Essa dinâmica, possivelmente, decorre

**Tabela 3 - Número de ocupados na indústria, por sexo e tamanho do estabelecimento - Brasil – 2001/2010.**

Tamanho Estabelecimento	2001				2010				Var%-Mas-2001-2010	Var%-Fem-2001-2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Micro	727.670	18,5	327.157	22,5	951.120	15,9	498.273	19,8	30,7	52,3
Pequeno	984.024	25,0	405.547	27,9	1.391.661	23,2	666.221	26,5	41,4	64,3
Médio	1.121.551	28,5	401.256	27,6	1.567.394	26,2	627.918	25,0	39,8	56,5
Grande	1.101.716	28,0	322.011	22,1	2.076.121	34,7	720.494	28,7	88,4	123,7
Total	3.934.961	100,0	1.455.971	100,0	5.986.296	100,0	2.512.906	100,0	52,1	72,6

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/MTE

dos incentivos do governo federal que, com o intuito de recuperar o crescimento econômico do país, após a crise do último trimestre de 2008, que se prolongou até o primeiro trimestre de 2009 (APARÍCIO e QUEIROZ, 2012), adotou uma série de estímulos, por meio da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados para automóveis e para a linha branca (geladeiras, fogões e máquinas de lavar), intensificando o consumo e a produção desses itens no Brasil.

#### 4. PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

No tocante às características demográficas e socioeconômicas dos ocupados na indústria formal brasileira, inicialmente, na tabela 4, chama atenção a evolução na criação de vagas, que passaram de 5.390.932 milhões de trabalhadores para 8.499.202 milhões, no período compreendido entre 2001 e 2010, respectivamente. Quanto à ocupação das vagas, segundo o sexo, no primeiro ano, 73,0% dos postos de trabalhos eram ocupados por homens, contra 27,0% pelas mulheres. Esses diferenciais mostram a seletividade por sexo e corroboram as informações descritas na revisão bibliográfica.

**Tabela 4 - Número de ocupados na indústria, segundo o sexo do trabalhador - Brasil - 2001/2010.**

Sexo	Indústria		Indústria		Var % 2001-2010
	2001		2010		
	ABS	%	ABS	%	
Masculino	3.934.961	73,0	5.986.296	70,4	52,13
Feminino	1.455.971	27,0	2.512.906	29,6	72,59
Total	5.390.932	100,0	8.499.202	100,0	57,66

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da RAIS/MTE.

No ano de 2010, as estatísticas ratificam a maior participação masculina, consolidando a seletividade na indústria. Mesmo com o ligeiro aumento na proporção feminina, respondendo por aproximadamente 30,0% das vagas, contra 27%, em 2001, o que se tem, de fato, é a persistência da disparidade entre os sexos, com a superioridade da participação masculina, tanto no início quanto no final da década em tela.

Quanto à participação da força de trabalho na indústria, segundo a idade, nota-se relativa semelhança entre a distribuição dos ocupados. Em 2001, ambos os sexos

registraram maior concentração de trabalhadores com idade entre 30 e 39 anos, sendo 30,7% para os homens e 31,5% para as mulheres. A faixa de 25 a 29, bem como a de 40 a 49 anos, também concentrou participação significativa tanto de homens quanto de mulheres (Tabela 5).

**Tabela 5 - Número de ocupados na indústria, por sexo e faixa etária - Brasil – 2001/2010.**

Idade	2001				2010				Var%- Mas- 2001- 2010	Var%- Fem- 2001- 2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Até 17 anos	52.432	1,3	22.995	1,6	59.424	1,0	30.182	1,2	13,3	31,3
18 a 24 anos	896.225	22,8	365.023	25,1	1.199.897	20,0	518.988	20,7	33,9	42,2
25 a 29 anos	712.034	18,1	286.087	19,6	1.132.284	18,9	503.145	20,0	59,0	75,9
30 a 39 anos	1.209.033	30,7	457.965	31,5	1.740.817	29,1	781.021	31,1	44,0	70,5
40 a 49 anos	763.723	19,4	250.633	17,2	1.179.157	19,7	482.867	19,2	54,4	92,7
50 a 64 anos	284.892	7,2	71.079	4,9	644.729	10,8	191.590	7,6	126,3	169,5
65 ou mais	16.111	0,4	2.055	0,1	29.972	0,5	5.109	0,2	86,0	148,6
{ñ classificado}	511	0,0	134	0,0	16	0,0	4	0,0	-96,9	-97,0
Total	3.934.961	100,0	1.455.971	100,0	5.986.296	100,0	2.512.906	100,0	52,1	72,6

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/MTE

Em 2010, não foram constatadas alterações relevantes, com a predominância de homens e de mulheres na faixa etária de 30 a 39 anos, além dos grupos etários de 25 a 29 e de 40 a 49 anos de idade. Porém, foi notório o crescimento para os ocupados dos sexos masculino (126,3%) e feminino (169,5%), na faixa etária de 50 a 64 anos. Aqueles com 65 anos ou mais também surpreenderam, especialmente no caso das mulheres que aumentaram de 2.055 trabalhadoras para 5.109, com variação de 148,6% contra 86% para os homens, entre 2001 e 2010, respectivamente.

O aumento na expectativa de vida, a volta ao mercado de trabalho depois que os filhos crescem, a extensão de responsabilidades sociais, previdenciárias e familiares recaindo sobre as mulheres, a importância do rendimento de idosas que, em muitos casos, complementam a renda ou são a única fonte do domicílio, justificam o aumento da inserção feminina.

No tocante à escolaridade, os dados da tabela 6 revelam melhora no nível educacional do trabalhador da indústria brasileira, para ambos os sexos, sendo que as mulheres se revelam mais instruídas, confirmando as afirmações descritas na revisão bibliográfica. A elevação na escolaridade foi sobremaneira acentuada para a força de trabalho com o ensino fundamental completo, sendo que, tanto em 2001 quanto em 2010, registraram-se os seguintes movimentos: homens evoluíram de 20,7% para 42,2%, respectivamente; e mulheres progrediram de 23,2% para 42,9%, respectivamente. Analisando os extremos, comprova-se a melhor qualificação feminina. Em 2010, havia 0,9% de homens analfabetos ocupados na indústria contra somente 0,3% das mulheres na mesma condição. Com relação ao ensino superior completo, os homens representavam 7,1% e as mulheres 9,4%.

Quanto ao tempo de permanência no emprego, os ocupados na indústria brasileira são afetados por elevada rotatividade, com a maioria de homens e de mulheres a permanecerem por menos de um ano nos postos de trabalho, nos dois anos analisados (Tabela 7). Em 2001, 30,8% dos homens deixaram o emprego em menos de um ano, contra 34,2% das mulheres. Em 2010, os registros conferem resultados mais elevados para ambos os sexos. A participação masculina elevou-se para 34,3%, enquanto a

feminina atingiu 38,2%. Esses resultados revelam quão vulnerável é o mercado de trabalho industrial brasileiro, especialmente para as mulheres, que são as primeiras a serem demitidas, mostrando que a discriminação por gênero permanece.

**Tabela 6 - Número de ocupados na indústria, por sexo e escolaridade - Brasil – 2001/2010.**

Escolaridade	2001				2010				Var%-Mas-2001-2010	Var%-Fem-2001-2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Analfabeto	87.760	2,2	15.105	1,0	52.884	0,9	8.158	0,3	-39,7	-46,0
Até 5ª Incompleto	299.532	7,6	60.725	4,2	293.251	4,9	64.220	2,6	-2,1	5,8
5ª Comp. Fund.	490.763	12,5	152.874	10,5	328.233	5,5	110.181	4,4	-33,1	-27,9
6ª a 9ª Fund.	724.678	18,4	276.957	19,0	651.011	10,9	261.855	10,4	-10,2	-5,5
Fund. Completo	790.199	20,1	304.836	20,9	907.271	15,2	381.727	15,2	14,8	25,2
Médio Incompleto	400.280	10,2	164.395	11,3	602.056	10,1	262.270	10,4	50,4	59,5
Médio Completo	813.850	20,7	337.407	23,2	2.525.843	42,2	1.077.248	42,9	210,4	219,3
Sup. Incompleto	109.438	2,8	50.732	3,5	190.996	3,2	107.857	4,3	74,5	112,6
Sup. Completo	218.461	5,6	92.940	6,4	426.762	7,1	235.640	9,4	95,3	153,5
Mestrado	0	0,0	0	0,0	6.647	0,1	3.230	0,1	0,0	0,0
Doutorado	0	0,0	0	0,0	1.342	0,0	520	0,0	0,0	0,0
Total	3.934.961	100,0	1.455.971	100,0	5.986.296	100,0	2.512.906	100,0	52,1	72,6

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/TEM

**Tabela 7 - Número de ocupados na indústria, por sexo e faixa de tempo no emprego – Brasil – 2001/2010.**

Tempo no emprego	2001				2010				Var%-Mas-2001-2010	Var%-Fem-2001-2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Menos de 1 ano	1.210.103	30,8	497.974	34,2	2.050.321	34,3	960.234	38,2	69,4	92,8
+ de 1 e - de 2 anos	674.481	17,1	289.972	19,9	897.729	15,0	435.093	17,3	33,1	50,0
+ de 2 e - de 3 anos	392.379	10,0	162.989	11,2	648.465	10,8	297.843	11,9	65,3	82,7
+ de 3 e - de 5 anos	514.657	13,1	188.278	12,9	782.996	13,1	324.105	12,9	52,1	72,1
+ de 5 e - de 10 anos	571.153	14,5	190.628	13,1	833.815	13,9	304.473	12,1	46,0	59,7
10 ou mais anos	571.711	14,5	126.037	8,7	770.960	12,9	190.650	7,6	34,9	51,3
{ ñ classificado }	477	0,0	93	0,0	2.010	0,0	508	0,0	321,4	446,2
Total	3.934.961	100,0	1.455.971	100,0	5.986.296	100,0	2.512.906	100,0	52,1	72,6

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/TEM

Quando se analisam os maiores tempos de permanência no emprego, a tendência é a diminuição na estabilidade para ambos os sexos. Em 2001, 14,5% dos homens estavam empregados havia 10 anos ou mais, caindo esse índice para 12,9%, em 2010. As mulheres são mais vulneráveis nesse aspecto, com participações de 8,7%, em 2001, e 7,6%, em 2010.

Vê-se assim que o cenário no mercado de trabalho industrial brasileiro apresenta tendência de empregos de curto prazo, com trabalhadores que não conseguem construir carreira na empresa, dado o pouco período de tempo para se destacar. Em linhas gerais,

a elevada rotatividade afeta o trabalhador, sobretudo pelo baixo investimento em treinamento e capacitação, pelo receio que tem o empregador, em muitos casos, de investir e ter o vínculo de trabalho encerrado ou de elevar os custos de produção e incorrer em redução dos lucros.

Alguns autores acreditam que incentivos como o seguro desemprego e as rescisões de contratos estimulam a saída dos postos de trabalho precocemente. Porém, o maior dano é para o trabalhador, que não constrói vínculo duradouro e perde a oportunidade de aprendizado, que poderia ser aproveitada com a continuidade no emprego. Além disso, julgam que a ausência de treinamentos para a força de trabalho por parte do empregador não ocorre, principalmente, pela instabilidade dos vínculos de trabalhos no Brasil.

Em relação à remuneração da força de trabalho industrial, em 2001, os principais registros mostram concentração elevada entre a faixa de mais de 1,0 até 7,0 Salários Mínimo (SM), agregando 78,4% da mão de obra masculina e 89,1% da feminina. Na faixa de mais de 2,0 a 4,0 SM, os homens são maioria (34,7%) e as mulheres têm maior participação na faixa de rendimento inferior, que vai de 1,0 a 2,0 SM (40,9%). Nas melhores faixas de rendimento, elas são minoria, em comparação aos homens que, na soma das três últimas faixas, participaram com 12%, enquanto elas com somente 4,9%.

Esses resultados, mais uma vez, revelam a seletividade no mercado de trabalho, nesse caso, na indústria brasileira. As mulheres, apesar de mais escolarizadas, concentram-se nas piores faixas de rendimentos ou têm menor participação nas faixas salariais mais elevadas.

**Tabela 8 – Número de ocupados na indústria, por sexo e faixa de remuneração média Brasil – 2001/2010.**

- Remuneração média (SM)	2001				2010				Var%- Mas- 2001- 2010	Var%- Fem- 2001- 2010
	MAS		FEM		MAS		FEM			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Até 1 SM	75.381	1,9	38.170	2,6	158.963	2,7	111.988	4,5	110,9	193,4
Mais de 1 a 2 SM	1.030.234	26,2	685.282	47,1	2.449.670	40,9	1.685.670	67,1	137,8	146,0
Mais de 2 a 4 SM	1.366.597	34,7	488.717	33,6	1.931.593	32,3	423.038	16,8	41,3	-13,4
Mais de 4 a 7 SM	690.131	17,5	122.623	8,4	728.626	12,2	123.770	4,9	5,6	0,9
Mais de 7 a 10 SM	292.791	7,4	46.399	3,2	254.375	4,2	49.845	2,0	-13,1	7,4
Mais de 10 a 15 SM	227.101	5,8	35.772	2,5	179.250	3,0	37.444	1,5	-21,1	4,7
Mais de 15 a 20 SM	96.057	2,4	16.738	1,1	77.863	1,3	15.788	0,6	-18,9	-5,7
Mais de 20 SM	149.195	3,8	19.529	1,3	102.289	1,7	14.484	0,6	-31,4	-25,8
{ñ classificado}	7.474	0,2	2.741	0,2	103.667	1,7	50.879	2,0	1287,0	1756,2
Total	3.934.961	100,0	1.455.971	100,0	5.986.296	100,0	2.512.906	100,0	52,1	72,6

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da RAIS/MTE

Ainda na Tabela 8, é possível observar a piora nos salários dos ocupados na indústria brasileira, para ambos os sexos. Em 2010, aumentou a participação relativa de trabalhadores a auferirem rendimento nas faixas mais baixas e diminuiu a participação dos que se achavam nas melhores faixas. Homens (85,4%) e mulheres (88,8%) permaneceram se concentrando nas faixas entre mais de 1,0 até 7,0 SM. Contudo, em 2001, eles foram maioria na faixa de mais de 2,0 a 4,0 SM, baixando para a faixa entre 1,0 a 2,0 SM (40,9%), no último período em análise. As mulheres, em 2001, já predominavam recebendo entre 1,0 a 2,0 SM (47,1%), remunerações essas que, em 2010, subiram para 67,1%. Ademais, reduziu-se a proporção de trabalhadores nas faixas de rendimentos mais elevados: somente 6% (contra 12%, em 2001) dos homens e 2,7%



(contra 4,9%, em 2001) das mulheres, nas três últimas faixas salariais, com descenso em 2010, mais intenso para os homens.

Assim, de um lado, intensificou-se a precarização do emprego industrial, que sofre com a ausência de ações sindicais no processo de contratação, mesmo se tratando de trabalhadores no emprego formal; e, de outro lado, essa precarização afeta tanto homens quanto mulheres, sendo elas, porém, as mais atingidas.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo principal analisar e comparar a participação feminina e a masculina no mercado de trabalho na indústria brasileira, segundo características socioeconômicas e demográficas. Os dados oriundos da RAIS/MTE mostraram participação elevada de homens ocupados em detrimento das mulheres no emprego formal; porém, no período em estudo, constatou-se maior crescimento relativo para as mulheres em postos formais de trabalho no Brasil, em todos os setores analisados.

Além disso, é oportuno destacar que, com exceção da região Nordeste, assistiu-se à maior taxa de crescimento do emprego industrial para mulheres entre 2001 e 2010; entretanto, elas são minoria nos postos de trabalho industrial, não chegando sequer, a 30% em nenhum dos anos do recorte temporal. Percebe-se, então, que um dos setores de maior projeção social no trabalho é seletivo no que se refere ao sexo dos ocupados formais.

Em relação à faixa etária, não se percebeu disparidade significativa entre homens e mulheres. Todavia, independentemente do sexo, o mercado de trabalho formal brasileiro é acentuadamente seletivo no tocante à idade dos ocupados. Normalmente, a maioria de ocupados se concentra entre 30 e 39 anos de idade, com maior vulnerabilidade de jovens e idosos na grande maioria dos setores nacionais de atividade econômica – o que também foi constatado no emprego industrial.

Quanto à rotatividade no emprego industrial, as mulheres são maioria em todos os anos do recorte observado. Destarte, são elas vítimas do maior movimento de ajuste da força de trabalho à demanda de mercado, ou seja, mais de 30% no primeiro ano e aproximadamente 40% no segundo ano deixaram seus postos de trabalho em menos de um ano ocupadas.

Faz-se ainda oportuno destacar que há maior escolaridade na força de trabalho industrial feminina, ou seja, as mulheres se concentram nas faixas mais elevadas em detrimento da força de trabalho masculina. No entanto, elas são minoria nas faixas de remuneração mais elevadas. Com isso, tem-se que, mesmo com melhores níveis de escolaridade, a mão de obra feminina atuante na indústria é detentora, relativamente, dos menores salários praticados no mercado.

Infere-se daí a seletividade por sexo na indústria brasileira, diante dos dados plotados ao longo deste trabalho. Necessita-se, portanto, de política de promoção de igualdade entre os sexos, sobretudo no que concerne ao mercado de trabalho, já que se tem maior inserção feminina anualmente na PEA do país e que as mulheres devem atuar nesse mercado em situação de igualdade de condições e direitos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, C. L. B.; VALOIS, I. da S.; QUEIROZ, S. N. Emprego industrial feminino no Ceará na década de 1990. In: X Encontro Nacional de Estudos do Trabalho: balanço e

perspectivas do trabalho no Brasil, 2007, Salvador/BA. *Anais do X Encontro Nacional de Estudos do Trabalho - ABET*, 2007, p. 1-18.

APARÍCIO, C. A. P.; QUEIROZ, S. N. Mercado de trabalho pós-crise: comparação entre as regiões metropolitanas de São Paulo e Fortaleza (2009 e 2010). In: MOREIRA, I. T.; OLIVEIRA, R. V. (Org.). *Cenários da crise e do trabalho no Brasil*. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2012, v. 1, p. 157-187.

BERQUÓ, E.; CAVENAGHI, S. M. Mapeamento socioeconômico e demográfico dos regimes de fecundidade no Brasil e sua variação entre 1991 e 2000. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 14. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2004, p. 1-18.

BILAC, E. D. Trabalho e reprodução cotidiana: Apresentação. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, (11)2, 1994, p. 155-158.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. A Bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. *Revista Cadernos de Pesquisa*, n.110, p.67-104, jul. 2000, São Paulo.

BRUSCHINI, M. C. A.. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Revista Cadernos de Pesquisa*, v. 37, nº 132, p. 537-572. Set/dez, 2007, São Paulo.

BRUSCHINI, M. C. A.. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.

GONÇALVES, M. E.; PEREZ, E. R.; WAJNMAN, S. Taxas de participação (formal e informal) feminina no mercado de trabalho das regiões Sudeste e Nordeste: uma análise a partir das PNADs, 1992-2002. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...*, Caxambu, ABEP, 2004, p. 1-18.

IKEDA, M. “Segregação por gênero” no mercado de trabalho formal. *Revista do BNDES*, vol.7, n.13, Rio de Janeiro, BNDES, 2000, p. 89-106.

IBGE. Pesquisa Mensal de Emprego – PME. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas, 2012. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp\\_2012.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf)>. Acesso em: 21 mar 2013.

LAVINAS, L. Emprego Feminino: o que há de novo e o que se repete. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.40, n.1, p.41-63, 1997.

LEONE, E.T. O trabalho da mulher em Regiões Metropolitanas Brasileiras. In: PRONI, M.W.; HENRIQUE, W. (orgs.) *Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90*. São Paulo, Editora UNESP; Campinas, SP, Instituto de Economia da UNICAMP, 2003, p. 199-230.

LEONE, E. T.; BALTAR, P. E. de A. População ativa, mercado de trabalho e gênero na retomada do crescimento econômico. Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 17, 2010, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2010, p. 1-10.

MELO, H. O trabalho industrial feminino. Rio de Janeiro: IPEA. 2000. Texto para discussão n. 764.

NOVAES, J. R. P. Trabalho nos canaviais: os jovens entre a enxada e o facão. *Rurais I*, Volume 3, Nº 1, março de 2009, Campinas – SP, p. 105-127.

SILVA FILHO, L. A.; CLEMENTINO, M do L. M. Considerações sobre o perfil sócio-ocupacional nas regiões metropolitanas do Nordeste – 2001/2008. XII Encontro Nacional de Estudos do Trabalho – ABET. *Anais...* João Pessoa – PB, 2011, p. 1-20.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N. Seletividade por Sexo na Indústria Têxtil Cearense e Norte-Rio-Grandense: Avaliação Empírica nos Anos de 1998/2008. In: 62ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2010, Natal, Ciências do Mar: Heranças para o Futuro, 2010, p. 1-3.

SILVA FILHO, L. A. Mercado de Trabalho e Estrutura Sócio-ocupacional: estudo comparativo entre as regiões metropolitanas de Fortaleza, Recife e Salvador – 2001-2008. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, S. N.; CLEMENTINO, M. L. M. Gênero, mercado de trabalho e ocupação nas regiões metropolitanas brasileiras – 2001/2008. *Anais...* V Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población, Montevideo, Uruguay, octubre de 2012, p. 1-18.

WAJNMAN, S. PERPÉTUO, I.H. A redução do emprego formal e a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, v.7, n.1, 1997, p. 123-147.